

Currus Universitorum

De memória: Viatura Ford modelo T, de 1929. Matrícula IB-29. Importada pelo então presidente da majestática concessionária inglesa Incomati States. Posteriormente, vendida a um machambeiro da zona que a utilizou vários anos por picadas. Revendida não sei quantas vezes. Por nós comprada ao avô da Isabel Mota (cuja carta não tinha sido renovada) por 9 contos, depois de “duras” negociações que reduziram o preço dos 12 iniciais, e conseguiram o pagamento em suaves prestações de 700 escudos mensais (cem por sócio), e a oferta de um jogo de pneus originais, fininhos, importados da Africa do Sul... Reconheça-se a decisiva intervenção, e cunha, da colega e amiga Isabel Mota... Gastava uns módicos 20 litros aos cem, depois do carburador completamente esganado! Por isso, um dos diversos proprietários tinha dividido o depósito, de modo a arrancar com um cheirinho a gasolina e, mal o motor aquecesse, através de uma torneirinha junto ao tabliê, passava-se o abastecimento para petróleo, muito mais barato... E andava!

De imediato, negociámos com o Director Geral da Sonap 300 litros de gasolina por mês (e assim acabámos com o vexame do petróleo), a abertura do motor e sua revisão geral, uma pintura total (tinha uma cor azul cueca), óleo e revisões nas oficinas da Sonap de borla. A troco de um anúncio em cada uma das portas da frente: “A velhinho cheguei, porque da Sonap sempre gastei”. Da fábrica de “Bolachas da Matola”, (“ Não é preciso perder a tóla...Coma bolachas da Matola”), conseguiu-se uma receita de... 700 escudos por mês. Assim, só chegámos a pagar do nosso bolso a primeira prestação. O seguro da “Náuticos”, exigiu-nos uma pequena inscrição, creio, no para-choques de trás. Único com carta de condução: João Correia. Regulamento de mobilidade: pelo menos 4 dos 7 sócios. Convidados: os que coubessem, mesmo com todos os sócios presentes... Chatices e discussões: ocorriam quando se tinha conhecimento de que o João Correia, o motorista único, pela calada da noite ou dissimulado por caminhos secundários, ia passear os seus “colôchos”... sem levar consigo, pelo menos mais três sócios, como estava disposto no regulamento!.... A inscrição na pala da capota sobre o para-brisas, “Currus Universatiriorum”, foi-nos sugerida, em latim, pelo vivaço padre Alves... professor de religião e moral do liceu.

Da esquerda para a direita: João Branco da Fonseca; Luis Serpa dos Santos; João Leite Martins; Rogério Leite Martins; João Melo Correia; Domingos Serpa dos Santos (lembro-me... muito chateado com o João Branco por ter subido à capota, correndo o risco de riscar a nova pintura que tinha dias... e com os irmãos Leite Martins por, ambos, se terem posto em cima do degrau...). Falta o Luis Pedro Duarte Cerqueira.

Data: Outubro de 1963. Domingos Serpa dos Santos.

PS: Detalhes passíveis de rectificação por melhor memória de qualquer dos restantes sócios.



O "IB – 29"

Estávamos no ano da graça de 1963.

Moçambique. Final do 7º ano do Liceu. Férias grandes.

O repouso monótono e calmo dos primeiros dias de férias não satisfazia a ânsia de diversão da nossa juventude. Impunha-se uma reunião com os colegas mais chegados, na tentativa de se encontrar uma solução consensual e pouco dispendiosa que nos agradasse e divertisse. Demos tratos à imaginação e, por unanimidade, a escolha recaiu na aquisição de uma viatura automóvel que nos facultasse viagens a planear, a custo zero, ou pouco mais.

Corremos os vários sucateiros que havia nos arredores de Lourenço Marques e, dado o parco recheio das nossas bolsas, o orçamento só dava mesmo para 'desenterrar' velhos "chaços" já sem condições para abandonarem o cemitério pelos seus próprios meios, a não ser por um milagre de "*Ressurreicarroção*". Depois de semanas de aturadas e infrutíferas pesquisas, regressávamos cansados e desanimados à nossa "república" quando...

Milagre!

Eis que, a menos de 100 metros do nosso destino, lindo na sua apelativa pintura à trincha em tom azul celeste, nos surge a visão deslumbrante do IB-29, um Ford Modelo A Tódor de 1930.

Foi a loucura total, o êxtase, a felicidade finalmente alcançada!

Depois de prolongados contactos e difíceis negociações, lá conseguimos adquirir o nosso almejado sonho por 4 contos e meio (mil e quinhentos escudos de entrada e seis meses a quinhentos escudos), a pagar em suaves prestações, com letras assinadas e tudo. Naquela altura as mesadas eram fraquinhas, de tal modo que só o consórcio de 7 amigos permitiu a aquisição daquele 'bólide'.

Após uma rápida e económica limpeza, lá pusemos o Ford a percorrer as ruas da "Pérola do Índico". Eu era o único habilitado a conduzir com carta de condução (prémio que o meu Pai me ofereceu por ter cumprido com zelo e competência o percurso liceal), e, como tal, o motorista para todo o serviço.

Enfim, as férias estavam a ser um sucesso, éramos solicitados para festas e bailaricos de garagem e os "7 magníficos" faziam figura. O carro já era conhecido na cidade pelo "Multas não vale", pequeno cartaz que concebi, elaborei e coleí no vidro traseiro, numa tentativa (totalmente conseguida) de nunca ser incomodado pela temida secção de trânsito da PSP.

Mas havia uma enorme dificuldade. As mesadas não cresciam e a despesa com a gasolina era insuportável.

Surge então outro milagre.

Já na Faculdade, conheço uma Colega que tinha um primo como Administrador da Sonap Moçambique (a marca de gasolina nacional). Após uma simpática troca de ideias com esse benfeitor, ficou decidido que a Empresa, a troco de se inscrever nas portas do carro alguma publicidade à marca, forneceria gratuitamente 100 (cem) litros de gasolina normal por mês, assistência oficial, óleos e lubrificantes numa garagem propriedade da gasoleira e, pasme-se, a oferta de uma pintura a sério.

Desse modo o IB-29 voltou a resplandecer, pintadinho à pistola em oficina certificada, de cor vermelho Ferrari no corpo e preto reluzente nos guarda-lamas.

Se até aí já dava nas vistas, agora ofuscava!

A publicidade, pintada a alvas letras na chapa rubra, concebida por mim e prontamente aceite pelo patrocinador, rezava assim:

*" A VELHINHO CHEGUEI
PORQUE DA SONAP SEMPRE GASTEI"*

...e, no outro lado:

*"AINDA ANDO E ANDAREI
PORQUE SOU BEM TRATADO
A ESTAÇÃO DE SERVIÇO DESOTO
TEM ISSO A SEU CUIDADO"*

Na pala por cima do vidro para-brisas, também se podia ler em Latim (por sugestão de um professor da Faculdade):

"CURRUS UNIVERSITARIORUM"

Enfim, estávamos finalmente nas nuvens.

Fizemos imensos passeios, participamos numa gincana de Carnaval onde ganhamos a taça do 1º lugar, concorreremos, só pela paródia de participar, a um rally de verdade, onde nos classificamos obviamente em último lugar, com direito a um vistoso troféu onde se inscrevia "PIXOTE MÁXIMO", rebocamos alguns automóveis modernos (agora clássicos) avariados pelo calor excessivo nas longas estradas africanas, demos muitas boleias, fizemos piqueniques, etc..

Foi muito provavelmente o automóvel mais popular que circulou em Lourenço Marques nos anos 60 e que me transportou à Faculdade de Medicina até quase ao final da licenciatura.

Mas não há bela sem senão.

A exemplo do "contrato" conseguido com a Sonap, e como o veículo não tinha seguro (na altura não era ainda obrigatório), por intercessão de um dos "sócios" consegui uma reunião com o dono da maior companhia de seguro local, a "Nauticus", de quem amavelmente obtive a oferta de um seguro de responsabilidade civil contra terceiros com o fabuloso capital de 200 contos! Lá se arranjou mais uma nesga de chapa livre para pintar um spot publicitário de cujo teor já não me recordo.

Nunca tivera um acidente. Numa bela manhã, tentando compensar o atraso para as aulas, seguia a uma velocidade maior que o habitual. Num semáforo, o carro que me

antecedia, talvez por excesso de zelo, parou bruscamente quando o amarelo incipiente permitia ainda a sua marcha. Era um sumptuoso Cadillac de longo rabo de peixe, e o IB-29 bem se esforçou por evitar a desgraça, mas...pumba! Uma traseirada com para-choque e tubo de escape do ofendido amachucado e o "apressadinho" praticamente sem nada.

Pedi desculpas ao motorista e exibi orgulhosamente a apólice do seguro da Nauticus.

O motorista, simpático, sorrindo, disse: " Engraçado, o meu patrão é o dono dessa Companhia".

Até senti uma tontura...

Evidentemente que me senti no dever de apresentar pessoalmente desculpas ao ofendido, tal como Egas Moniz perante Afonso VII de Espanha. Fui muito bem recebido, carinhosamente posso dizer, por o Mecenas ter apreciado o meu gesto. E nem foi necessário acionar o Seguro!

Infelizmente e como consequência da "descolonização exemplar", o IB-29 ficou abandonado na garagem da casa dos meus pais, por não ter sido autorizada pelas autoridades portuguesas, pois isto passou-se antes da Independência, a sua saída de Moçambique!

Perdi-lhe completamente o rasto apesar de ter voltado por várias vezes a Moçambique, a partir do final dos anos 90 e de o ter procurado afanosamente. Ninguém jamais o viu. Sumiu.

Ficou a saudade e o desejo de que, se já não circular, tenha terminado os seus dias com a dignidade merecida.

Diz-se que os barcos têm alma. Alguns carros, poucos, também.

Eu tive um.

Nota: IB-29 era matrícula da cidade de Inhambane.

Contribuição de: João José Melo Correia